



**A COPA DO MUNDO É NOSSA, NÃO DELES!
A CULTURA CORPORAL EM MOVIMENTO.**

Michael Daian Pacheco
Jaderson Silva Barbosa

RESUMO

Esta produção, compreendendo a pluralidade das discussões que envolvem a temática Futebol e Copa do Mundo, identifica as contribuições da pedagogia histórico-crítica para o fazer pedagógico da Educação Física articulado com o ensino do esporte na escola, relatando uma proposta de aprendizado significativo a partir da pedagogia crítico-superadora, no âmbito de uma instituição particular de ensino no município de Feira de Santana-Bahia.

Palavras chaves: Futebol; Escola; Educação Física; Pedagogia Histórico-Crítica

ABSTRACT

This production, comprising a plurality of discussions involving the theme Soccer and World Cup, identifies the contributions of historical-critical pedagogy for teaching physical education to articulate with the teaching of sport in school, reporting a proposal for significant learning from surpassing the critical-pedagogy in the context of a private school in the municipality of Feira de Santana, Bahia.

Keywords: Football, School, Physical Education, Pedagogy Historical-Critical

RESUMEN

Esta producción, que abarca una pluralidad de los debates de ésta temática de Fútbol y Copa del Mundo, identifica las aportaciones de la pedagogía histórico-crítico para la enseñanza de la educación física para articular con la enseñanza del deporte en la escuela, la presentación de informes una propuesta de aprendizaje significativo de superando la pedagogía crítica-en el contexto de una escuela privada en el municipio de Feira de Santana, Bahia.

Palabras clave: Fútbol, Escuela, Educación Física, Pedagogía Histórico-Crítico

INTRODUÇÃO

“Futebol é o ópio do Povo”; “O Futebol é a grande manifestação da cultura popular brasileira”; “o futebol já está no sangue do brasileiro”; “O Brasil é a pátria de chuteiras”; “A copa do mundo é o maior



evento do planeta”. Sobre futebol brasileiro e copa do mundo já é comum ouvirmos ou lermos as frases mencionadas, sejam por personagens da sociedade científica ou profissionais de mídia, sejam por anônimos em rodas de conversas, após o popular “baba” ou “pelada” do fim de semana. De certo, no Brasil, o futebol, há décadas é o esporte mais praticado nos campos oficiais e oficiosos espalhados por este imenso país, destacando-se como um fenômeno cultural, que, vem ao longo dos anos influenciando e sendo influenciado pelos fatos sociais, políticos e econômicos que o mesmo está inserido. Segundo Betti (2009, p.54-55)

Para os culturalistas, o esporte é um constituinte significativo das relações pelas quais as pessoas produzem e atribuem sentido ao mundo; é uma forma cultural constantemente produzida e reproduzida em conjunção com as mudanças sociais, históricas e circunstâncias ambientais, e que compreende diferentes significados para diferentes grupos e classes.

No caso do espaço escolar, é notório que os esportes, e em específico o futebol, ganha notório privilégio nos corredores, becos, cantinhos, sala, quadra, pátio nas escolas. A aproximação e influência é tão significativa que em muitos espaços escolares, ao invés de aulas de Educação Física, temos aulas de futebol. O que descaracteriza os saberes que esta área de conhecimento vem produzindo e revelando ter importância para a formação do educando, e que transcende o ensino apenas do esporte. A Educação Física na Escola deve ser reconhecida como uma *“prática pedagógica que propõe discussões sobre as formas de atividades expressivas corporais como: jogo, esporte, dança, ginástica, formas estas que configuram uma área de conhecimento que podemos chamar de cultura corporal”* (SOARES, 1992, p. 50).

A escola é reconhecidamente um espaço com uma função social importante e não estar alheia as temáticas que emergem de produções humanas. A copa do mundo é um grande exemplo disto. Neste período as discussões na imprensa em geral aproximam ainda mais professores, alunos, familiares desta temática, o que é muito natural. Caberá, contudo, aos professores de Educação Física utilizarem as riquezas destas discussões e análises de diversas conjunturas que emergem diante do tema, para instrumentalizar os educandos, ao mediar o conhecimento sobre o assunto, tornando-os indivíduo reflexivos, críticos a partir de uma práxis pedagógica formadora e como consequência transformadora.

Através desta produção, compreendendo a pluralidade das discussões que envolvem a temática Futebol e Copa do Mundo, numa perspectiva crítica, objetivamos relatar um fazer pedagógico da Educação Física articulado com o ensino do esporte, sob uma perspectiva crítica de ensino, no âmbito de uma escola particular no município de Feira de Santana, Bahia. Relato este que vem contribuir com a necessidade do “movimentar-se” da Educação Física escolar. Este movimento no sentido de tornar público e mostrar-se possível um aprendizado prazeroso e significativo um aprendizado a partir da pedagogia crítico-superadora, contribuindo com esta área de conhecimento no sentido de legitimar-se no espaço escolar.

CONTRIBUIÇÕES SOBRE O FAZER PEDAGÓGICO DA EDUCAÇÃO FÍSICA: A PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA.

Sabe-se que, o ser humano necessita produzir sua própria existência, diferentemente dos animais que se adaptam à realidade natural, tendo sua existência naturalmente garantida. Assim sendo, o homem



precisa adaptar a natureza a suas necessidades, transformando-a. Este processo de transformação é “mediado” pelo trabalho, isto é, o trabalho é o elemento central que diferencia o homem dos outros animais.

O trabalho não é qualquer tipo de atividade, mas uma ação adequada a finalidades, ou seja, o seu agente antecipa mentalmente a finalidade, sendo assim consideramos uma ação intencional. Nesse sentido, “Dizer, pois, que a educação é um fenômeno próprio dos seres humanos significa afirmar que ela é, ao mesmo tempo, uma exigência do e para o processo de trabalho, bem como é, ela própria, um processo de trabalho” (SAVIANI, 1997, p. 15).

Sendo assim, neste processo da produção da existência humana, ocorrerá primeiramente a garantia dos bens materiais, produzido pelo “trabalho material”. Porém para esta produção, os seres humanos necessitam antecipar em idéias os objetivos da ação, esse processo inclui aspectos do conhecimento relacionados com a ciência, arte, ética, dentre outros. Esses aspectos constituem o que denominam de “trabalho não-material”.

Porém temos ainda duas modalidades na produção não-material. A primeira refere-se àquelas atividades em que o produto se separa do produtor como no caso de livros, objetos de arte. A segunda refere-se às atividades em que o produto não se separa do ato de produção, como exemplo: a aula, que é produzida e consumida ao mesmo tempo. É nesta segunda modalidade do trabalho não-material que se localiza o trabalho do professor, seu processo didático de organização dos conteúdos de ensino.

Assim, podemos considerar que a educação tem a ver com idéias, conceitos, valores, símbolos, hábitos, atitudes, habilidades, sendo que esses elementos não interessam aos homens em si mesmos, como algo exterior e sim sob a forma de uma “segunda natureza”, constituindo dessa forma, a formação de sua humanidade, através de relações pedagógicas historicamente determinadas entre os homens.

Portanto:

(...) a natureza humana não é dada ao homem mas é por ele produzida sobre a base da natureza bio-física. Consequentemente, o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens (SAVIANI, 1997, p. 11).

Neste contexto, entendemos que o papel da escola consiste na socialização do saber sistematizado. Significa dizer que, não se trata de qualquer tipo de saber, diz respeito ao conhecimento elaborado/metódico e não ao conhecimento espontâneo, a cultura erudita e não a cultura popular. “É a exigência de apropriação do conhecimento sistematizado por parte das novas gerações que torna necessária a existência da escola” (SAVIANI, 1997, p. 19).

Entretanto a escola surge como uma manifestação secundária dentro do processo de educação mais geral, mas vai se transformando ao longo da história na forma principal e predominante de educação. Esta passagem da escola coincide com a prevalência das relações sociais sobre as relações naturais, estabelecendo a primazia do mundo da cultura (produzido pelos homens) pelo mundo natural. Ou seja, o saber sistemático, científico elaborado passa a predominar sobre o saber espontâneo. Concomitantemente esta passagem também marca o surgimento e desenvolvimento da sociedade capitalista, onde há uma mudança do processo produtivo do campo para a cidade, da agricultura para a indústria.



E nesta escola, que tem como fim a transmissão-assimilação do saber sistematizado, temos o “saber escolar” que é o saber dosado e seqüenciado neste processo de transmissão e assimilação no espaço e tempo escolar.

Nesse sentido, nossa compreensão sobre a educação escolar, está fundamentada a partir da Pedagogia Histórico-crítica que propõe as seguintes tarefas para a educação:

- a) Identificação das formas mais desenvolvidas em que se expressa o saber objetivo produzido historicamente, reconhecendo as condições de sua produção e compreendendo as suas principais manifestações bem como as tendências atuais de transformação;
- b) Conversão do saber objetivo em saber escolar de modo a torná-lo assimilável pelos alunos no espaço e tempo escolares;
- c) Provimento dos meios necessários para que os alunos assimilem o saber objetivo enquanto resultado, mas apreendam o processo de sua produção bem como as tendências de sua transformação (SAVIANI, 1997, p. 14).

Optamos em nossa fundamentação pela Pedagogia Histórico-crítica, pois ela ajuda a compreender a relação entre sociedade e educação, visto que uma interfere na construção e desconstrução da outra. Ou seja,

Esta formulação envolve a necessidade de se compreender a Educação no seu desenvolvimento histórico-objetivo e, por conseqüência, a possibilidade de se articular uma proposta pedagógica cujo ponto de referência, cujo compromisso, seja a transformação da sociedade e não a sua manutenção, a sua perpetuação (SAVIANI, 1997, p.108).

Nesse sentido, a Pedagogia Histórico-crítica implica em mostrar os determinantes sociais da educação, a compreensão das contradições da sociedade moderna que refletem na educação e a forma com é preciso se posicionar diante destas contradições a fim de imprimir uma direção à questão educacional.

A partir desta compreensão da relação entre sociedade e educação, podemos evidenciar que historicamente a educação no âmbito da escola influencia e sofre influências da sociedade.

Consideramos que o trabalho educativo é o ato de produzir a humanidade nos indivíduos em particular, sendo assim, este trabalho é fundamentado por teorias pedagógicas, que possuem em sua essência um projeto de sociedade que busca ações frente aos objetivos da educação.

O TRATO COM O CONTEÚDO ESPORTE NO ÂMBITO ESCOLA: PARA ALÉM DA DIMENSÃO TÉCNICA E TÁTICA.

Compreendendo que sociedade e escola, apresentam-se em uma “via de mão dupla” que se articulam, ou seja, a sociedade influencia a escola, assim como a escola influencia a sociedade, desta forma evidenciamos que é impossível o esporte que acontece fora da escola ficar alheio a ela. Sabemos também da importância do esporte na escola considerando que o mesmo é um dos conteúdos da Educação Física, e um elemento da cultura que precisa ser socializado.



Porém, são os sentidos e significados do esporte de rendimento que têm assumido o ambiente escolar. Nesse sentido, temos o que Vago (1996) denomina de esporte *na* escola.

No intuito de contribuir com a discussão da entrada do esporte moderno (sob as bases do alto rendimento) no âmbito escolar temos uma citação de Tarcisio Mauro Vago:

[...] por suas relações com a totalidade social, da qual é uma manifestação, a escola não poderia ficar alheia a todo esse processo histórico de consolidação do esporte como prática cultural da sociedade moderna. Ele penetra por seus portões, é praticado em seus espaços e em seus tempos, consolida-se como conteúdo de ensino da Educação Física (o espaço e o tempo oficiais para o seu ensino). É eleito (ou imposto?) como algo digno se ser ensinado. Em suma, é por esse processo histórico que se tem o 'esporte na escola': o esporte entrou no campo da escola (VAGO, 1996, p. 10).

Sendo assim, percebemos que o ensino do esporte nas aulas de Educação Física está articulado com os sentidos e os significados (competição exarcebada, busca do record, individualismo, especialização precoce, reprodução do modelo social desigual, exclusão da maioria, reforço dos valores dominantes) da instituição esportiva. Dessa forma, serão estabelecidas novas relações entre o professor e o aluno, que passam à relação de professor/treinador e aluno/atleta.

Podemos evidenciar também as competições intra e inter escolares, que reproduz o modelo de esportes de alto rendimento, incentivando a disputa incondicional para vencer, desconsiderando a presença do outro na prática, levando o estudante a pensar que joga contra um inimigo e não com um colega.

A influência da instituição esportiva nas aulas de Educação Física, materializa a predominância do conteúdo esporte na escola. Nesse sentido, Oliveira (2001) aponta algumas críticas no trato com este conteúdo,

As críticas dirigidas ao esporte podem ser resumidas em duas dimensões, que não se excluem e se articulam. A primeira dimensão diz respeito a essa relação de *exclusividade* (sem espaço para outros temas), *primazia* (prioridade quanto ao tempo e à organização do espaço) ou *hierarquia* (outros temas tratados em função dele) na organização das aulas de educação física. A segunda dimensão da crítica diz respeito à *função do esporte na escola*, sustentando-se, por um lado, na idéia de que o esporte que acontece na escola está a serviço da instituição esportiva, na revelação de atletas, constituindo-se na base da pirâmide esportiva e, por outro lado na dimensão axiológica, nos valores que ele transmite, perpassa e constrói. A escola, por meio da educação física, estaria assumindo os códigos, sentidos e valores da instituição esportiva (2001, p. 16).

Podemos notar também que o ensino do esporte na escola tem servido a reproduzir e reforçar a ideologia capitalista (competição, individualismo, burocratização, etc.), fazendo com que esses valores apresentem-se como normais na sociedade. Nesse sentido Bracht (1986) coloca que o esporte da forma como vem sendo contextualizado na escola educa de acordo com as normas capitalistas, levando ao acomodamento e não ao questionamento.

A organização das aulas no ensino do esporte tem objetivado o desenvolvimento da aptidão física, através da repetição do modelo de esporte no alto rendimento, contribuindo assim para a manutenção do modelo social. Sendo assim, "O esporte faz da educação física partícipe, na sua especificidade, do modelo



de sociedade assentado na produtividade, na eficácia, na eficiência [...]” (OLIVEIRA, 2001, p. 15). Dessa forma, podemos denotar que a prática pedagógica do professor objetivada pelo desenvolvimento da aptidão física, auxilia na formação de um corpo dócil, apolítico, acrítico e alienado.

Nesse sentido Oliveira (2001) coloca que na organização das aulas do conteúdo esporte, verificam-se dois problemas: um de ordem *metodológica* que remete ao trato com o conhecimento baseado na perspectiva da aptidão física, refletido na seleção dos conteúdos de ensino, e outro de ordem *teórica* no sentido de explicação e interpretação da realidade.

O ensino do esporte baseado na busca do desempenho máximo (alto rendimento), com ênfase na questão técnica/tática, prioriza os alunos mais talentosos em detrimento daqueles menos talentosos. Silva (2004) vem contribuir para esta discussão colocando que o esporte ensinado desta forma, torna-se descontextualizado, buscando sempre a otimização dos movimentos técnico-gestuais, não levando em consideração o ritmo de cada aluno.

Temos ainda, uma perspectiva de ensino do esporte assumida pela Educação Física durante boa parte de sua história, percebida até hoje em muitas escolas, baseada no modelo tradicional, onde o professor é o elemento central do processo de ensino aprendizagem. Nesta abordagem a repetição irrefletida e descontextualizada torna-se aspectos centrais para tal proposta. Taffarel (apud CAPAROZ, 2001) faz uma crítica ao ensino excessivamente técnico e formal, fundando em conteúdos esportivos, onde há apenas a exigência de atingir o rendimento máximo, através da repetição incessante dos gestos esportivos ocasionando uma participação dos sujeitos de forma alienada.

No que tange aos conhecimentos sobre ao ensino das regras nos esportes, podemos perceber que a mesma aparece como: estática, inquestionável, imutável, levando ao acomodamento e não a atitude crítica. Ou seja, os alunos não conseguem se perceber enquanto produtores e transformadores das regras impostas.

Então, podemos fazer uma seguinte pergunta: o ensino do esporte serve somente para reproduzir os valores da sociedade capitalista? O esporte na escola pode servir para a emancipação dos sujeitos? Podemos enxergar possibilidades no ensino do esporte que levem os alunos a uma formação integral, onde os mesmo se reconheçam enquanto produtores de cultura?

Essas e outras questões tem sido foco de estudos que procuram dar um novo sentido ao esporte na escola, que procuram significá-lo as bases de novos princípios, onde a solidariedade se sobreponha à competição, onde o coletivo se sobreponha ao individualismo.

Nesse sentido buscaremos agora, refletir sobre as possibilidades já sistematizadas de reinventar o esporte. Porém este movimento de reinvenção¹ do esporte perpassa pela análise das características atuais da escola.

Nesse sentido, temos que:

[...] a escola não é uma ilha na sociedade. Não está totalmente determinada por ela, mas não está totalmente livre dela. Entender os limites existentes para a organização do trabalho pedagógico ajuda-nos a lutar contra eles: desconsiderá-los conduz à ingenuidade e ao romantismo (BOURDIEU e PASSERON apud OLIVEIRA, 2001, p. 102).

¹ Termo utilizado por Sávio Assis de Oliveira em sua dissertação de Mestrado, cujo tema é: Reinventando o esporte: possibilidades da prática pedagógica, publicado no ano de 2001. Ou seja, neste livro o autor reflete sobre as possibilidades do trato com o conhecimento esporte. Pensando desta forma na reinvenção do esporte sob as bases de um projeto político emancipatório, onde se possa assumir novos valores ao esporte como: solidariedade, cooperação, ludicidade.



Compreendemos a relação entre sociedade e escola através da concepção denominada de Otimista crítico apresentada por Cortella (1998) citado por Oliveira (2001). Esta concepção supera a visão que atribui a escola à função de salvadora da sociedade (otimista ingênuo) e também supera a visão que entende a escola totalmente subordinada a sociedade (pessimista crítico). Ou seja, ela reconhece a natureza contraditória das instituições sociais e a possibilidade de mudança. Sendo assim a educação assume dupla função, podendo servir à reprodução como também a inovação (reinvenção), de contra-hegemonia, de luta, de contracultura. Nesta concepção o educador tem um papel político-pedagógico, ou seja, sua atividade não é neutra.

Então temos o seguinte questionamento: quais os caminhos para viabilizar as possibilidades de resistência e mudanças?

No sentido de responder a essa questão, Freitas (1995) advoga com o rompimento da aula que se configura no distanciamento da prática social concreta. Dessa forma, propõem a superação do modelo tradicional de articulação das relações entre professor, aluno e saber, colocando que a finalidade da organização do trabalho pedagógico deve ser a produção do conhecimento por meio do trabalho com valor social. Assim, temos que a organização adequada coloca o trabalho como mediador da relação professor/aluno e saber.

Assim, outra organização do trabalho pedagógico faz-se necessário, e nesse sentido temos que reordenar os objetivos da escola e da aula, que será articulado com o trato com o conhecimento. Portanto veremos agora as possibilidades concretas no campo específico da Educação Física, através da abordagem Crítico-superadora, como vem se dando esta organização do trabalho pedagógico.

A opção por esta abordagem se reflete no salto qualitativo que a mesma representa entre as formulações surgidas desde o início dos anos 80, época marcada pelo movimento de questionamento e reflexões sobre a Educação Física. Este salto qualitativo é evidenciado pelas seguintes considerações:

- 1) a consideração da prática pedagógica (aula) no interior de um projeto político pedagógico (escola) que por sua vez, tem referência num projeto histórico (sociedade);
- 2) o trato com o conhecimento é organizado a partir de princípios curriculares de: a) relevância social dos conteúdos; b) contemporaneidade do conteúdo; c) adequação as possibilidades sócio-cognoscitivas do aluno; d) simultaneidade dos conteúdos como dados da realidade; e) espiralidade da incorporação das referências do pensamento; f) provisoriidade do conhecimento. Sendo assim, esses princípios rompem com a lógica formal (fragmentação, estaticidade, unilateralidade, terminalidade, linearidade e etapismo) e trabalham com a lógica dialética (totalidade, movimento, mudança qualitativa e contradição);
- 3) o tempo pedagogicamente necessário para a aprendizagem é tratado com base na proposta e ciclos de escolarização em que os conteúdos têm uma evolução espiralada, indo da constatação à explicação;
- 4) a existência de uma área do conhecimento denominada de cultura corporal;
- 5) Educação Física como disciplina que trata, pedagogicamente, na escola, do conhecimento dessa cultura corporal;(…) (OLIVEIRA, 2001, p. 25-27).

Por conseguinte, podemos notar que esta abordagem consegue dar conta de uma nova organização do trabalho pedagógico, seja no âmbito da organização didática em sala de aula, seja no âmbito do



trabalho pedagógico da escola, articulado com os objetivos/avaliação, conteúdo/método e o Projeto Político Pedagógico.

No tocante a temática do esporte, esta abordagem segundo Oliveira (2001) aponta os seguintes elementos:

1. Uma leitura crítica do esporte:

- como produção histórico-cultural, “o esporte subordina-se aos códigos e significados que lhe imprime a sociedade capitalista e, por isso, não ode ser afastado das condições a ela inerentes, especialmente no momento em que se lhe atribuem valores educativos para justificá-lo no currículo escolar”; e
- “as características com que se reveste [...] revelam que o processo educativo por ele provocado, reproduz, inevitavelmente, as desigualdades sócias” (SOARES, 1992 p. 70);

2. A impossibilidade de não considerá-lo como tema ou conteúdo da educação física:

- o esporte, aceito como fenômeno social, precisa ser questionado em suas normas, suas condições de adaptação à realidade social e cultural da comunidade que o pratica, cria e recria;
- é preciso desmitificar o esporte com a oferta do conhecimento que permita criticá-lo dentro de um determinado contexto socioeconômico-político-cultural, promovendo a compreensão de que a prática esportiva deve ter o sentido/significado de valores e normas que assegurem o direito a prática esportiva que assegurem o direito à prática do esporte como bem social (SOARES, 1992, p. 71);

3. A necessidade de transformá-lo na escola, com algumas indicações de ordem geral:

- na escola, é preciso resgatar os valores que verdadeiramente socializam, privilegiam o coletivo sobre o individual, garantem a solidariedade e o respeito humano e levam à compreensão de que o jogo se faz com o outro e não contra o outro;
- o programa de esportes deve ser desenvolvido no entendimento da evolução dos jogos, desde o jogo com regras implícitas do ato criativo espontâneo, até o jogo institucionalizado com regras específicas (SOARES, 1992 p. 71);
- a organização do conhecimento sobre o esporte deve evidenciar o sentido e o significado dos valores que inculca e as normas que o regulamenta dentro do nosso contexto socio-histórico;
- a organização do conhecimento não deve desconsiderar o domínio dos elementos e táticos, desde não sejam exclusivo e únicos conteúdos da aprendizagem (SOARES, 1992, p. 41);
- o ensino do esporte deve possibilitar o seu entendimento como uma prática social construída historicamente, que pode ser criticamente assistidas e alterada, criativamente ensinada, exercitada e inclusive exercida na sua dimensão profissional (Soares, Taffarel & Escobar, 1992, p. 220) (OLIVEIRA, 2001, *grifo nosso*, p. 27-28).

Por sua vez, a crítico-superadora consegue dar um passo importante no processo de construção de uma cultura escolar de esporte, ou seja, a partir desta referência podemos pensar num trato com o



conhecimento que dê conta de compreendê-lo, praticá-lo e transformá-lo. Ou seja, podemos pensar em um esporte da escola.

Sendo assim, Vago (1996) considera que a escola tem um caráter de produção de uma cultura escolar de esporte. Porém se atentarmos para o fato de que o esporte tem entrado na escola e saído da mesma forma como entrou, ele não têm estabelecido uma tensão com as instâncias da sociedade.

Portanto, entendendo que as mudanças acontecidas na escola não encerram nelas mesmas, assim temos que,

Embora determinada socialmente, a escola pode transforma-se e gerar-se transformações, ou seja, a escola não é uma ilha, um gueto onde se pode fazer um esporte diferente, mas um lugar que, fazendo o esporte de forma diferente, pode motivar diferenças em outros âmbitos, numa relação em mão dupla com a sociedade (OLIVEIRA, 2001, p.142).

Por conseguinte iremos relatar um fazer pedagógico da educação física articulado com o ensino do esporte, sob uma perspectiva crítica de ensino, no âmbito de uma escola particular no município de Feira de Santana, Bahia. Relato este que vem contribuir com a necessidade do “movimentar-se” da Educação Física escolar. Este movimento no sentido de tornar público e mostrar-se possível um aprendizado prazeroso e significativo um aprendizado a partir da pedagogia crítico-superadora, compreendendo especialmente que: “a ação pedagógica a que se propõe a Educação Física estará sempre impregnada da corporeidade do sentir e do relacionar-se” (Bracht, 1999, p. 49). A Educação Física: cultura corporal em movimento.

RELATO DE EXPERIÊNCIA: A COPA DO MUNDO É NOSSA NÃO DELES!

Um dos exemplos de como tratar pedagogicamente e de maneira crítica o fenômeno esporte na escola, em especial o futebol, está em um projeto desenvolvido em uma instituição de ensino privado, no qual os autores desenvolvem nas aulas de Educação Física com alunos do 1º ao 9º ano do ensino fundamental. O Projeto intitulado “A Copa do Mundo é nossa, não deles” é um projeto que iniciou em 2006 e atingiu um importante amadurecimento pedagógico em 2010. Abaixo segue um relato de parte das experiências com o projeto. A ação transcrita durou 3 meses e é fruto das ações de um coletivo de professores de Educação Física do Colégio onde ocorreu o processo de intervenção com todos os alunos, respeitando a necessária gradação dos conteúdos a cada série. As etapas desenvolvidas abaixo ocorreram com os alunos do ensino fundamental anos finais.

Etapa 1 – Os alunos foram convidados a refletir sobre o esporte nas aulas de Educação Física:

Na escola é necessário jogarmos com as regras do esporte já estabelecidas? Podemos modificá-las? Existe esporte de rico? E de Pobre? Existe algum esporte que você gostaria de praticar e não pode, por que? Existe Esporte só para mulheres? Podemos fazer de tudo para vencermos um jogo? E o Doping, é ético? Existe relação entre a vida cotidiana e o esporte? Por que o futebol é um fenômeno social, especialmente no Brasil? Qual a relação entre futebol e ascensão social? Esporte é saúde? Existe violência no esporte? Qual a influência da Mídia no Esporte? Em 2014 será a vez do Brasil, você concorda? Por que?

Nesta etapa em ações ocorridas em sala e quadra de aula pelo professor de Educação Física os alunos foram estimulados a pensar sobre o esporte, o futebol e as relações que são estabelecidas quando e



onde se joga. Ao refletir sobre as diferenças do esporte no ambiente escolar e suas outras manifestações (profissional, amador, lazer) os estudantes puderam vivenciar esportes que não conheciam, a compreender regras tradicionais e reinventá-las. Os alunos começavam aí a construir o evento: “A copa do Mundo é nossa, não deles!”. Título adaptado da tão famosa música da década de setenta²: “A taça do mundo é nossa, com brasileiro não há quem possa...” e que surgiu mediante as discussões desenvolvidas em aulas e que se propunha a criticar que no espaço escolar o esporte não deve estar a serviços de valores e códigos do esporte de auto-rendimento, portanto. No sentido de fundamentar as discussões e dar contexto a proposta pedagógica, levamos os alunos a assistirem e refletirem a produção Nacional do Diretor Cao Hamburger: “O ano em que meus pais saíram de férias”, apresentando as relações entre esporte e política que marcaram o Brasil naquela época.

Etapa 2 – Estudo sobre as temáticas contemporâneas relacionadas com o esporte/futebol

Nesta etapa, o professor de educação física dividiu as seguintes temáticas, são elas: violência no esporte, doping no esporte, Copa do mundo do Brasil 2014: pontos positivos e negativos e por fim ética no esporte.

Cada série ficou com um tema, como exemplo temos os alunos do 6º ano que discutiram sobre questões da violência no esporte, abordando temas sobre: torcida organizada, violência dentro e fora de campo, agressões físicas e verbais. Ao final deste processo os alunos foram convidados a expressar seus aprendizados em uma exposição literária de textos, poemas e poesias. Todo o material foi exposto no “Stand Consciente”, onde alunos, professores, pais e funcionários tiveram acesso aos textos.

A turma do 7º ano refletiu sobre questões ligadas ao doping. Aprendendo sobre: conceitos, causas e conseqüências, as substâncias proibidas, principais caso de doping no Brasil e no mundo. Após este momento os alunos foram direcionados a produzir um seminário para expressar os aprendizados ocorridos a toda comunidade escolar.

O grupo do 8º ano analisou os pontos positivos e negativos da Copa do Mundo no Brasil em 2014. Em sala de aula os alunos formaram dois grandes grupos onde discutiram sobre o assunto, com a mediação do professor. Por fim, sistematizaram um folder colocando as principais idéias elaboradas em aula, sendo socializado com pais, professores, alunos e funcionários da escola nos dias dos jogos esportivos internos do colégio.

E por fim, os alunos do 9º ano refletiram sobre os aspectos éticos envolvidos na prática esportiva. Sendo assim, analisamos “escândalos” éticos no mundo do futebol como a máfia do apito, desrespeito moral e físico com os atletas, torcedores e dirigentes no mundo dos esportes. Ao final, os alunos produziram um seminário que foi apresentado no dia da abertura dos jogos esportivos do colégio.

Parte deste material está transcrito abaixo na produção textual de dois alunos de 11 anos, que exemplifica uma das discussões emergentes sobre a violência no esporte.

Produção 1:

Título: Violência no esporte

Autor: Gustavo Amorim (Nome Fictício)

² Música de composição de Mauger, Müller, Sobrinho e Dagô e que embalou os jogos do Brasil na Copa do Mundo de 70. Ao mesmo tempo que enaltecia a seleção, era mais um instrumento de vender a ideologia de um país forte e em crescimento, segundo a visão política-ideológica dominante na época.



IMPLICAÇÕES NA/DA EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

Hoje a violência está em todo lugar
No esporte acontece a rivalidade entre os times de handebol, vôlei,
basquete e principalmente no futebol
Brigas entre torcidas, polícia e jogadores sem motivo algum entram em
conflito achando-se superiores aos outros
Nas escolas a situação é caótica, transformamos o esporte em um campo
de batalha, só queremos a paz na vida e no esporte.

Produção 2:

Título: Qual a cor da sua rosa?

Autor: João Pedro (Nome Fictício)

O esporte é tão lindo
Igual a uma rosa vermelha
E então por que fazer a rosa ficar preta?
Com matança?
O que está acontecendo no esporte, não pode acontecer
Pois quando acontece uma vitória ou derrota,
Um time perde ou ganha
Não podemos matar essa linda “rosa”.

Etapa 3 – Realização dos jogos e exposição dos materiais produzidos.

Durante a etapa 2, tendo todo conhecimento já adquirido ficou estabelecido pelos próprios alunos durante a construção do evento que, nas vivências práticas dos jogos, a função de atletas, todos os alunos iriam exercer funções como arbitragem, repórter, jornalista, paramédico etc. Oportunizando a todos participarem da ação, independente da afinidade com o futebol e o melhor oportunizando a todos outras reflexões a partir das relações que são estabelecidas para além do jogar.

Neta etapa os alunos realizaram jogos de futebol, mediante as regras criadas ou recriadas de acordo ao interesse do grupo. Várias funções realizadas pelos alunos transcenderam apenas o jogar propriamente dito, gerando novo eixo de aprendizados e comportamentos.

O Projeto mencionado revela uma das possibilidades de tratar o esporte criticamente, função da Educação Física, sem negar a sua prática no âmbito escolar, ou em outros espaços potenciais de aprendizados.

Compreendendo o professor de Educação Física como agente social de transformação, independente do espaço que esteja inserido, a reflexão deve caminhar para a direção de responder na ação a seguinte questão: a serviço de quem estamos atuando?

Neste sentido,

Considerando a dimensão sociocultural que o esporte alcançou, não podemos simplesmente entregar seu processo de ensino-aprendizagem à intuição, ao acaso, principalmente quando observamos sua influência em diferentes setores da sociedade, tanto sobre processos operativos importantes condição humana, quanto sobre a sua face mais irracional e destruidora. Sendo os significados atribuídos aos esportes advindos da sociedade que o transforma, logo deveremos perguntar: que praticantes se formarão por meio da prática esportiva? Para que tipo de sociedade se formarão? Quem são os agentes



transformadores? Que princípios pedagógicos e didáticos-metodológicos são usados em seu processo de ensino? (Reverdito, 2009).

Caberá o professor de Educação a responsabilidade de utilizar o esporte como na escola de maneira a tratar pedagogicamente esta manifestação, sem negá-lo, tratando criticamente as relações produzidas quando se joga, assiste ou ler sobre o esporte.

CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

Não temos a intenção de findar a discussão sobre o objeto de estudo deste artigo, visto que entendemos que o conhecimento é provisório, ou seja, ele é produzido historicamente pelo homem. Sendo assim, chegamos às seguintes conclusões:

1) O trato pedagógico com o esporte nas aulas de educação física necessita estar embasado por uma teoria que dê conta de responder as contradições existentes na realidade. Ou seja, que dê conta de compreender a relação, por exemplo: entre o esporte e a mídia, que propaga conceitos e padrões estereotipados de corpo e saúde.

Sendo assim, pensamos em um ensino do esporte que seja capaz de compreender as transformações nas regras do esporte sendo mediadas por empresas de comunicação, televisão e multinacionais.

2) Outro ponto essencial, quando se pensa na organização do trabalho pedagógico do esporte, se refere a opção teórico-metodológica da Educação Física, sendo assim, a entendemos que abordagem crítico-superadora, dá conta de responder e intervir na realidade a favor da população, a favor da classe popular.

No entanto, entendemos que a abordagem crítico-emancipatória, também traz elementos fundamentais no trato pedagógico com esporte que auxilia em uma maior compreensão do fenômeno esportivo.

3) Outro ponto importante, refere-se a superação na organização do trabalho pedagógico no ensino do esporte com a sua exclusividade, primazia e hierarquia. Ou seja, devemos sim tratar o conteúdo esporte na escola, pois acreditamos nas suas potencialidades educacionais, porém ele não deve ser o centro e a referência da Educação Física na escola.

4) Consideramos também que o ensino da técnica/tática e regras, torna-se fundamental no processo de ensino e aprendizagem no esporte. Porém, a técnica deve ser compreendida e ensinada na dinâmica do jogo e não como algo a parte, que posteriormente seria incluída no jogo. Já a tática deve ser compreendida enquanto situações em que o grupo ou o aluno individualmente, necessite utilizar de ações para resolver problemas do próprio jogo. E no ensino do esporte as regras devem ser entendidas enquanto instrumento construído coletivamente que podem modificar o jogo a depender das decisões coletivas.

5) Por fim, consideramos que existe a necessidade de ampliar a discussão sobre temas relacionados com os Jogos Esportivos e o treinamento desportivo na escola, ficando a necessidade de estudos posteriores pesquisar sobre o trato com o conhecimento esporte relacionados com essas temáticas.



REFERÊNCIAS

BETTI, Mauro. *Educação física escolar: ensino e pesquisa-ação*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2009.

BRACHT, Valter. *A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo... capitalista*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. v. 7, n. 2, p. 62–68, 1986.

BRACHT, Valter. *A prática pedagógica da Educação Física: conhecimento e especificidade*. In _____. Educação Física & Ciência: cenas de um casamento (in) feliz. Ijuí: Ed. Unijuí, 1999. p. 41-54.

CAPARROZ, Francisco Eduardo. *O esporte como conteúdo da Educação Física: uma “jogada desconcertante” que não “entorta” só nossas “colunas”, mas também nosso discurso*. Perspectivas em Educação Física. Niterói, v. 2, n. 1 (suplemento), 2001.

FREITAS, Luis Carlos. *Crítica da Organização do Trabalho Pedagógico e da Didática*. 6ª ed. São Paulo: Papirus, 2003. (coleção magistério formação e trabalho pedagógico).

OLIVEIRA, Sávio Assis de. *A reinvenção do esporte: possibilidades da prática pedagógica*. Campinas, SP: Autores Associados, chancela editorial CBCE, 2001. (coleção educação física e esportes).

REVERDITO, Riller Silva; SCAGLIA, Alcides José. *Pedagogia do Esporte: Jogos Coletivos de Invasão*. São Paulo: Phorte, 2009.

SAVIANI, Dermeval. *Pedagogia Histórico-crítica: primeiras aproximações*. 6 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1997. (coleção polêmicas do nosso tempo; v.40)

SILVA, Welington Araújo. *O esporte enquanto elemento educacional*. Disponível em www.efdeportes.com/ Acesso em 20.09.2007.

SOARES, Carmen Lúcia. Et al. *Metodologia do Ensino de Educação Física*. 6ª edição. São Paulo: Cortez Editora, 1992.

VAGO, Tarcísio Mauro. *O esporte na escola e o esporte da escola: da negação radical para uma relação de tensão permanente, um diálogo com Valter Bracht*. Movimento, Porto Alegre, ano III, n. 5, PP. 4-17, 2 de set, 1996.



DADOS SOLICITADOS NO DOCUMENTO DE SUBMISSÃO

CATEGORIA: COMUNICAÇÃO ORAL

Jaderson Silva Barbosa

Professor da Universidade Estadual de Feira de Santana-Bahia-Brasil (UEFS)

Coordenador do Núcleo de Motricidade Humana – Colégio Asas / Feira de Santana-Bahia-Brasil

Especialista em Esporte Escolar pela Universidade de Brasília (UNB-DF)

Especialista em Motricidade Humana pela Universidade Castelo Branco (UCB-RJ)

Endereço eletrônico: jsbesportes@bol.com.br

Endereço Residencial: Rua Dr. Macário Cerqueira – Edifício Antúrio – Vila das Flores, 879. Ap 704.

Feira de Santana-Bahia.

Telefone de Contato: (75) 3223-0170

MICHAEL DAIAN PACHECO

Licenciado em Educação Física pela Universidade Estadual de Feira de Santana – Bahia (UEFS).

Especialista em Metodologia do Ensino da Educação Física e Esporte pela Univ. do Estado da Bahia/UNEB.

Especialista em Metodologia e Didática do Ensino Superior pela Faculdade de Ciências Econômicas do Estado da Bahia.

Professor do Curso de Pedagogia da Escola de Negócios da Bahia – ENEB.

Professor de Educação Física do Colégio Asas – Feira de Santana/Ba

Recursos para Comunicação Oral:

Computador e Data show